



## A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO NÃO FORMAL EM UMA INSTITUIÇÃO DE ACOLHIMENTO DE IDOSOS

Jeiziane da Silva Oliveira <sup>1</sup>

### INTRODUÇÃO

A educação existe onde ainda não foi criado um modelo de ensino formal, na presença de trocas de símbolos, de intenções, de padrões culturais e de relações de poder, edificando no homem a sua evolução, no sentido de torná-lo mais humano. Em toda parte há redes de transferência de saber de uma geração a outra, fora do espaço escolar, o saber de uma comunidade, o que de alguma maneira todos conhecem, o saber próprio de cada indivíduo, seja ele homem, mulher, criança, adolescente, jovem ou adulto, no contexto interpessoal, familiar e comunitário. Desse modo, quem sabe faz, ensina, incentiva, vigia, demonstra, corrige, pune e premia. Enquanto outros observam, imitam, fazem, são instruídos e treinados com o exemplo, corrigidos, punidos, premiados e aos poucos aceitos entre os que sabem e ensinam (BRANDÃO, 1981).

A educação não formal envolve um processo com várias dimensões, em que o aprendizado se dá mediante a socialização, com valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados, aprendendo-se com as ações da vida cotidiana, em compartilhamento de experiências (GOHN, 2006), tendo a finalidade de proporcionar bem estar e promoção social além de favorecer o exercício da cidadania (PINHEIRO; STIVAL, 2018).

Scortegagna e Oliveira (2010) refletem sobre o aprender constante na vida do indivíduo e defendem a educação permanente para idosos. Apesar das experiências acumuladas, muitas vezes eles são considerados socialmente improdutivos, mesmo tendo capacidade para isso, em decorrência de preconceitos vindos tanto da família, como da sociedade, ficando à margem do espaço social (OLIVEIRA *et al.* 2018). Para Goi, Pereira e Veiga (2018), é necessário possibilitar condições para que o idoso se veja como ativo, que reconheça a sua capacidade de preservar suas memórias e histórias, que participe com autonomia, mudando a ideia que se tem de que eles sejam inoperantes.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS, [jeisaolivieri@gmail.com](mailto:jeisaolivieri@gmail.com).



O presente estudo teve o propósito de conhecer uma das possibilidades de atuação profissional do pedagogo, bem como os aspectos da educação em espaço não formal, a partir da visita e observação de uma instituição de amparo a idosos, tendo como instrumento um roteiro de questões direcionadas a dois profissionais do referido espaço, e confirmando os achados da literatura, os quais mostram a importância desse segmento da educação no contato com os indivíduos, especialmente os idosos, no sentido de contribuir para a aproximação entre diversas faixas etárias, a troca de experiências e saberes para o desenvolvimento da integração dos sujeitos à sociedade.

## **METODOLOGIA**

Trata-se de uma experiência<sup>2</sup> decorrente de visita de campo, com observação seguida de aplicação de um roteiro de perguntas direcionado a dois profissionais da coordenação da instituição de atenção e permanência de idosos. As perguntas foram elaboradas no sentido de obter informações gerais do espaço, atuação profissional/voluntária, atividades desenvolvidas e perfil dos indivíduos acolhidos.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Com base em Oliveira *et al.* (2018) o artigo 20 do capítulo V do Estatuto do Idoso afirma o direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversão, espetáculos, produtos e serviços que respeitem a condição e a idade dos sujeitos. Por essa óptica, os autores defendem a relevância do trabalho em espaços não formais com idosos, e a necessidade de se pensar em práticas que possam desconstruir a visão restritiva de que o idoso já não pode contribuir para a sociedade, visto que, para além dos cuidados requeridos pela fragilidade motora, eles devem ser reconhecidos como seres dotado de saberes e experiências enriquecedoras no contexto em que vivem.

De acordo com Scortegagna e Oliveira (2010), um grande detrimento nas relações afetivas é vivenciado pelo idoso, por meio de suas experiências sociais, gerando dificuldades para envolver-se novamente numa esfera que lhe admita desfrutar de uma melhor qualidade

---

<sup>2</sup> Experiência realizada dentro do componente curricular Práticas Pedagógicas em Experiências Educacionais não Escolares, do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS



de vida. Desse modo, muitas vezes tende ao isolamento, possivelmente influenciado pelos valores apresentados pela sociedade, e passa a se considerar um obstáculo para a vida social, surgindo elementos de desmotivação, em que a pessoa idosa vai perdendo a sua identidade e autoestima. Segundo Gohn (2006), a educação não formal atua na socialização dos indivíduos, no campo das emoções e sentimentos, desenvolve hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar, capacitando-os a se tornarem cidadãos do mundo e no mundo, reforçando a ideia de Freire (1994) em torno da essencialidade de que o sujeito se reconheça como parte ativa da sua realidade.

Gohn (2006) aponta que a educação não formal tem por finalidade a abertura de janelas de conhecimento acerca do mundo ao redor dos indivíduos e suas relações sociais. Ademais, pode colaborar para o desenvolvimento da autoestima, além de fundamentar-se na solidariedade e na identificação de interesses comuns. Através de processos não formais, os idosos podem ter seus conhecimentos atualizados, com novas alternativas de atividades, favorecendo um ponto de vista mais otimista (GOI; PEREIRA; VIEIRA, 2018).

Quando a educação se faz permanente na vida de idosos, há possibilidades para um novo sentido em viver, mesmo quando essas pessoas estão desacreditadas pela atuação da própria sociedade, pelos preconceitos, os quais revelam a discriminação e opressão que muitos sofrem, por serem considerados improdutivos e sem capacidade de aprender, pois nessa lógica, o idoso acaba sendo erroneamente caracterizado como um peso para a sociedade, a qual desconsidera seus conhecimentos, colocando-os como ultrapassados e apagando o significado das suas experiências (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2010).

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A entrevista com as profissionais possibilitou a compreensão de suas percepções em torno da atuação dos colaboradores no espaço, a importância desse trabalho, além de informações gerais sobre o ambiente. De acordo com suas respostas, a instituição dispõe de equipe fixa de profissionais, principalmente da área da saúde, além de voluntários e parceiros (empresas, instituições de ensino, grupos religiosos e a população em geral) na prestação de serviços e atividades, contando com ações dinâmicas de entretenimento, conversa, troca de experiências, diversão. Há adaptação do espaço físico para o público atendido, seguindo todas as normas e regulamentações. O ambiente é acolhedor, possui refeitório que comporta todos, os dormitórios são divididos por alas feminina e masculina, enfermaria equipada, atendendo



as necessidades gerais e aos idosos acamados e mais debilitados, além de banheiros, dispensa, sala de reuniões e eventos, sala de fisioterapia, sala da administração e um espaço acolhedor, com área verde.

A instituição apresenta uma proposta de acolhimento baseada na inserção do idoso na sociedade, considerando que muitos chegam em situação de vulnerabilidade, vindos de processos de exclusão. Para tal inserção, conta com as parcerias que auxiliam na organização e nos custos da promoção de eventos, passeios recreativos e culturais, estímulo a arrecadação de doações, estímulo a visita das famílias, amigos, conhecidos, escolas, ou aquelas pessoas que queiram conhecer e/ou desenvolver atividades com o público, obedecendo critérios de organização, disponibilidade, planejamento, propiciando o contato com diversas gerações.

Nas instituições de acolhimento, os momentos de lazer englobam bastante o voluntariado, considerando que os abrigos não abrem mão da cautela ao ter que locomover os idosos para outros ambientes, em consequência das diversas dificuldades e particularidades ligadas à saúde física e mental deles, muitas acabam optando pela precaução em permanecer no próprio local (SANTOS; LIRA; ARAÚJO, 2018). No ambiente em estudo, embora alguns idosos sejam dependentes em função de doenças já estabelecidas, limitações físicas e emocionais, muitos deles não apresentam problemas graves de saúde, podendo manter-se com autonomia e lucidez, inclusive têm liberdade para decidir se desejam participar das atividades sugeridas pelos voluntários. Goi, Pereira e Veiga (2018) destacam a relevância da liberdade de escolha, de poder realizar tudo dentro do seu ritmo e aprender coisas novas sob suas preferências com autonomia.

Dentre as atividades mais comumente desenvolvidas, estão os jogos de tabuleiro e da memória, contação de histórias, oficina de maquiagens, manicure e pedicure, rodas de música e conversas, realizadas por grupos de visitantes, tais como igrejas, escolas e faculdades. Desse modo ocorre integração, resgate de boas memórias afetivas, troca de saberes e, conseqüentemente práticas educativas, corroborando com Brandão (1981) quando o autor destaca que tudo que denota importância para a comunidade e envolve algum tipo de saber, inclui também algum modo de ensinar, caracterizando a educação não formal. Destaca-se aqui, um equívoco na fala de um dos entrevistados, ao afirmar que no local não faz educação, apenas assistencialismo. Neste ponto, há total semelhança com a afirmação de Brandão (1981) de que há tantas formas de educação, em situações tão variadas, que chega a parecer invisível quando não é praticada em espaço formal. Em contrapartida o segundo profissional



reforçou a assertiva de que ocorre educação na instituição, em consonância a Gohn (2006), que sustenta a premissa de que nas interações nos ambientes que acompanham as trajetórias de vida, o educador é o outro. Assim, Scortegagna e Oliveira (2010) inferem que todos estamos envolvidos em processos educativos, seja onde for, e a educação permanente ultrapassa os muros da formalidade, estando nos mais diversos locais, sendo crucial a conscientização em torno da importância das possibilidades de ensino e aprendizagem.

Diante do conhecimento acerca das razões que os levaram a instituição, as quais abarcam abandono familiar, maus tratos, ordem judicial, bem como vontade própria, ressalta-se a necessária atenção nesse momento da vida, a qual deve ser focada por diversos setores da sociedade, principalmente quando há ausência da família. Por esse ângulo, Gohn (2006) compreende que um dos papéis da educação não formal consiste em oferecer condições para os indivíduos aprenderem a conviver com os demais, desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos e o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais. Por meio da educação não formal, busca-se a observância dos direitos elementares, qualidade de vida, dignidade e cidadania para seu desenvolvimento como sujeitos, superando a marginalização (GOI; PEREIRA; VEIGA, 2018).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como visto, a educação ocorre em diversas situações e espaços e não necessariamente em ambiente centralizado formalmente, embora haja dificuldades de percepção e reconhecimento desse fato, caracterizando equívocos ligados a ideias ainda arraigadas ao ensino formal. A pessoa idosa enfrenta diversas dificuldades que envolvem problemas de saúde, carência de afetos, abandono, baixa autoestima, perda do autorreconhecimento como parte da sociedade, entre outras. Oportunizar um envelhecimento ativo faz parte das atribuições da sociedade, como reconhecimento a indivíduos que tanto fizeram e que dispõem de experiências marcantes e peculiaridades que não devem ser desprezadas.

As instituições de acolhimento promovem atenção e oferecem inserção dos sujeitos na vida social, contando com diversas atividades de trocas de saberes que contribuem para melhoria das condições de vida do idoso, estimulando e reforçando a visão de que são sujeitos ativos e merecem ser valorizados. Nesse contexto, a educação não formal exerce sua importância no favorecimento da ligação interpessoal, no desenvolvimento da criatividade, da



autoestima e nos processos de socialização, sendo fundamentalmente necessário seu reconhecimento para além do assistencialismo.

**Palavras-chave:** Educação não formal, Idosos, Integração, Socialização.

## REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. O que é educação. São Paulo: **Ed. Brasiliense**, 1981.

FREIRE, P. Educação e mudança. 20. ed. Rio de Janeiro: **Paz e Terra**, 1994.

GOHN, M. G. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v.14, n.50, p.27-38, mar.2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362006000100003&Ing=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362006000100003&Ing=en&nrm=iso)>. Acesso em: 30 ago. 2020.

GOI, L. L.; PEREIRA, D. G.; VEIGA, A. C. A. A importância do pedagogo e da pedagogia do sujeito idoso. **Revista Humanidades e Inovação**. v.5, n.7, p.60-75, 2018.

OLIVEIRA, L. A. *et al.* Pedagogia social: contribuições do trabalho educativo realizado em abrigo de idosos. In: V Congresso Nacional de Educação – V CONEDU, Recife. **Anais [...]** V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/48525>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

PINHEIRO, J. A.; STIVAL, M. C. E. E. Pedagogia social: o trabalho do pedagogo em instituição de acolhimento. **Caderno Humanidades em Perspectivas** – I Simpósio de Pesquisa Social e I Encontro de Pesquisadores em Serviço Social – ed. especial, p. 464-475, jul. 2018. Disponível em: <[https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/humanidades/article/download/800/715&ved=2ahUKEwiQr7Xd\\_8PrAhUNgBkGHRnABFIQFjACegQIAxAB&usq=AOvVaw1FRI G19E0yl8rtAFfJB8Uo](https://www.uninter.com/cadernosuninter/index.php/humanidades/article/download/800/715&ved=2ahUKEwiQr7Xd_8PrAhUNgBkGHRnABFIQFjACegQIAxAB&usq=AOvVaw1FRI G19E0yl8rtAFfJB8Uo)>. Acesso em: 30 ago. 2020.

PIRES, L. S.; LIMA, S. A. S. C. O pedagogo e a pedagogia do envelhecer. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v.17, n. 3\4, p. 403-419, mar./abr.2007.

SANTOS, R. B.; LIRA, A.; ARAÚJO, T. C. S. O pedagogo nos espaços não formais: a promoção do lúdico e a construção de um espaço narrativo para idosos através da contação de histórias. In: V Congresso Nacional de Educação – V CONEDU, Recife. **Anais [...]** V CONEDU. Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <<http://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/48204>>. Acesso em: 30 ago. 2020.

SCORTEGAGNA, P. A.; OLIVEIRA, R. C. S. Educação: integração, inserção e reconhecimento social para o idoso. **Revista Kairós Gerontologia**, São Paulo, v.13, n. 1, p.53-72, jun. 2010.